

Coreto

18 Out 2020
21:30 Sala Suggia

OUTONO EM JAZZ

João Pedro Brandão saxofone alto, flauta, composição

José Pedro Coelho saxofone tenor

Hugo Ciríaco saxofone tenor

Rui Teixeira saxofone barítono

Ricardo Formoso trompete

João Almeida trompete

Andreia Santos trombone

Daniel Dias trombone

AP guitarra

Hugo Raro piano

José Carlos Barbosa contrabaixo

José Marrucho bateria

A música do Coreto não existiria sem as pessoas que dele fazem parte. Parece um truísmo e até uma inutilidade começar assim um texto de apresentação deste concerto. Podemos por isso disfarçar e dizer que o Coreto é uma face reveladora da vida jazzística que pulsa no Porto, o que também é verdade. Ou, confiando no que diz João Pedro Brandão, que é apenas um pormenor de algo bem maior: a comunidade Porta-Jazz, que ao fim de dez anos se tornou sinónimo de praticamente tudo o que se faz no domínio deste 'género' na cidade. (Pergunta para outro sítio: será o jazz um 'género'?) Os acontecimentos confluíram há mais ou menos uma década e o João Pedro esteve sempre no centro da acção.

Por um lado, como co-fundador e director da Associação Porta-Jazz, que veio juntar hordas de músicos saídos de todos os cantos do panorama jazzístico portuense: os mais jovens e de alguma forma afortunados que beneficiaram de uma formação superior, na ESMAE, onde foi criada a primeira Licenciatura em Jazz portuguesa, uns naturais do Porto, outros aqui chegados e outros ainda que vão e vêm e fazem aqui uma parte da sua vida musical; os veteranos, os 'heróis' que nunca contaram receber nada do jazz mas se entregaram a ele sem olhar para trás; e uma geração intermédia que circulou entre estas duas realidades. Não podemos imaginar o que seria hoje o jazz no Porto sem a Porta-Jazz. Ele estaria por aí, mas com muito menos concertos, menos discos, menos oficinas, menos intercâmbios. E, claramente, sem o Coreto, uma banda que já lançou álbuns merecidamente colocados entre os melhores do ano pela crítica.

Por outro lado, na altura em que realizava o seu Mestrado, estava a Porta-Jazz ainda a dar os primeiros passos, o João Pedro lembrou-se de juntar 12 músicos para dar corpo ao seu estudo sobre as raízes mediterrânicas e a sua influência na nossa cultura. Muito mais do que a ilustração de um estudo académico, o disco *Aljamia* foi a revelação de um compositor que tentava perceber a sua própria linguagem e conseguiu trazê-la a público já imbuída de uma clara intenção artística. Ali não procurava mimetizar a música tradicional, mas a construção musical partiu de ferramentas que foi identificando na tradição. Esse disco não é chamado para este concerto, mas dali mantém-se a definição do ensemble tal como ele é, que chega a este palco quase sem alterações.

Ao compor, João Pedro Brandão pensa nos solistas e no que os rodeia: "aquelas personalidades definem muito a música que se faz, porque são músicos muito diferentes". A própria estrutura musical é um pouco definida por esses elementos, e não apenas nesse primeiro disco, mas também nos seguintes: "há partes que são nitidamente para ser entregues àquele músico, outras para ser entregues àquele solista". O ambiente sonoro desse primeiro disco — no que respeita à influência mediterrânica — ficou ali, mas a vertente conceptual, a forma como João Pedro trabalha a música para o Coreto, permaneceu válida para os trabalhos seguintes.

Neste concerto o Coreto não regressa a *Aljamia*, mas sim a *Analog*, o segundo disco com música de João Pedro Brandão. Também aí se revelou útil para o compositor partir de uma ideia una, de onde viriam a sair cada um dos temas. Para isso, procurou replicar determinados fenómenos acústicos ou eléctricos no ensemble: o *delay*, o código morse, um curto-circuito, os ruídos de sintonização de um rádio analógico. Este é o ponto de partida para uma construção musical que, aí sim, ganha os seus contornos mais específicos ao ser direccionada para os músicos em particular que vão tocar, para o formato do ensemble e para a definição de uma narrativa ao longo do disco. É das pessoas que ali estão que dependem as escolhas do compositor — e é por isso que este texto começa com essa referência: "Há ali solistas que são muito fortes se houver um *groove*, se houver uma grelha harmónica eu sei que isso vai ser um momento incrível. E há solistas que são muito fortes se abrires completamente o espaço. Tudo é definido em função disso mesmo. Mesmo a condução desses momentos depende dos solistas. Tanto pode haver um sinal meu para seguirmos em frente como pode ser a banda que decide, ou pode ser o próprio solista, ou pode ser o baterista que acaba com aquilo." Tudo isto com uma narrativa definida à partida. Acontecerá o mesmo com o próximo disco, sendo esta uma oportunidade para ouvirmos alguns novos temas de João Pedro Brandão, peças do processo de criação de uma outra narrativa que está neste momento a nascer para o Coreto.

O que vamos ouvir esta noite não é uma *big band* — mais uma afirmação desnecessária, talvez, o que não invalida que se procure perceber o que torna as duas coisas diferentes. O que há neste



casa da música

MECENAS OUTONO EM JAZZ

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA



Coreto que nos leva para outro mundo sonoro? Antes de mais, a instrumentação: o Coreto tem menos metais que uma *big band*, o que “adoça” o timbre do ensemble. Depois, o facto já aqui explorado de a música ser sempre escrita para estas pessoas — o que acontece nos dois discos com música de João Pedro Brandão mas também no *Mergulho* com música de AP e no disco ao vivo *Sem Chão* (vários autores). Outro aspecto é o facto de haver sempre momentos em que cada um dos músicos está no centro da acção, o que aproxima o funcionamento deste ensemble de um grupo mais compacto. Esta proximidade entre os músicos e esta maleabilidade, presumivelmente mais difícil num grupo grande, deve-se talvez ao facto de o Coreto — apesar do mote concreto que o fez nascer — ser um reflexo de uma determinada comunidade musical onde proliferam inúmeras bandas, que cruzam estes e outros músicos. É só por isto, por existir esta comunidade e ela se mostrar tão viva, que é possível um ensemble como este se manter activo ao fim de dez anos.

Isto leva-nos à questão final deste texto: ainda faz sentido falar num jazz português, numa altura em que podemos ouvir e sermos influenciados, quase em tempo real, pelo que um número infindável de músicos grava nas mais diversas latitudes do planeta? O jazz sempre foi uma música que juntou traços sonoros de diferentes geografias, e daí podermos arriscar dizer que sempre teve um pendor algo universalista. Mas hoje esse universalismo não é um destino; é uma origem de onde os músicos já não têm como evitar partir (a não ser quando procuram as suas raízes com um esforço consciente que muitas vezes se sobrepõe à influência espontânea). O que tem de especial o Coreto é que, não recusando o que chega aos ouvidos de cada um dos seus músicos, e que será muito diverso, tudo se encontra numa comunidade específica. Esta é uma música que não poderia existir sem este sentido de comunidade que a Porta-Jazz criou para os músicos de jazz no Porto. Não será isso um jazz português?

FERNANDO PIRES DE LIMA

(após entrevista com João Pedro Brandão realizada a 15/10/2020)

João Pedro Brandão

direcção musical, composição, arranjos, saxofone, flauta

João Pedro Brandão nasceu em 1977. Estudou flauta transversal com Luís Carrapa, na Escola de Música Óscar da Silva, entre 1992 e 1997. Em 1999 começa a estudar jazz num combo do pianista Paulo Gomes, e em 2002 inicia o estudo do saxofone com Mário Santos. Concluiu o Curso de Jazz (saxofone) da ESMAE (Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Porto), em 2007, tendo sido aluno de José Luís Rego, Mário Santos, Pedro Guedes, Carlos Azevedo, Telmo Marques, Nuno Ferreira, Michael Lauren e Paulo Perfeito, entre outros. Em 2007 estudou no Lemmensinstituut (Bélgica) com Frank Vaganné e Dré Palemaerts, entre outros. Finalizou o Mestrado em Jazz na ESMAE, em 2012, tendo estudado composição com Carlos Azevedo e Paulo Perfeito. Teve aulas e participou em workshops com os saxofonistas Mark Turner, Greg Osby, Chris Cheek, Steve Wilson, Bill Mchenry, Miguel Zenon e Jaleel Shaw, e com os compositores Maria Schneider e Jason Lindner.

Em 2011 criou o Coreto, ensemble de 12 músicos que lidera e com o qual actuou na Casa da Música, na 11.ª Festa do Jazz do São Luiz, no Festival Sines em Jazz, no Festival Porta-Jazz, na Festa do Avante, etc. Este grupo gravou quatro álbuns editados pelo Carimbo Porta-Jazz: *Analog* (2017), com música composta e arranjada por si; *Sem Chão* (2015), com música de vários compositores portugueses; *Mergulho* (2014), com música de António Pedro Neves; *Aljamia* (2012), com música composta e arranjada por si. Todos estes álbuns foram aclamados pela crítica nacional constando invariavelmente nas listas de melhores discos nacionais de jazz.

Desde 2009, João Pedro Brandão integra a Orquestra Jazz de Matosinhos, tendo participado nas gravações dos CD: *Jazz Composers Forum* (2014); *Bela Senão Sem* (2013) com o pianista João Paulo Esteves da Silva; *Amoras e Framboesas* (2011) com a cantora Maria João; *Our Secret World* (2010) com Kurt Rosenwinkel, tendo com este tocado nos conceituados clubes nova-iorquinos Blue Note, Birdland e Iridium, e no Berklee BeanTown Jazz Festival em Boston; *Portology* (2006) com Lee Konitz e o arranjador Ohad Talmor.

Destacam-se ainda as suas participações noutros projectos na área do jazz: Bode Wilson (trio com Demian Cabaud e Marcos Cavaleiro) que editou os álbuns *26* e *Lascas* (Carimbo Porta-Jazz, 2014 e 2017); Susana Santos Silva, com quem gravou *Impermanence* (Carimbo Porta-Jazz, 2015) numa residência artística, parceria entre o Festival Guimarães Jazz e a Porta-Jazz; Lucia Martinez Quarteto, com quem gravou os CD *De Viento e de Sal* e *Soños e Delirios* (2014 e 2010, Karonte); AP Quinteto, com quem gravou *6e5* (TOAP, 2011).

Co-fundou, em Julho de 2010, a Associação Porta-Jazz que dirige desde a sua fundação. Esta associação tem como objectivo promover o jazz e os seus músicos na cidade do Porto. Neste contexto, produziu centenas de concertos, organizou 10 edições do Festival Porta-Jazz, criou o Carimbo Porta-Jazz de apoio à edição discográfica independente, entre muitas outras actividades.

É professor no Conservatório de Música do Porto e na Escola de Música Valentim de Carvalho. Paralelamente à actividade musical, licenciou-se em Engenharia Química na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, em 2000.